Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

XXX Volume — 20 de Março de 1907 — N.º 1016

# Centenario do duque de Avila e de Bolama



DUQUE DE AVILA E DE BOLAMA
*(De fotografia de Filon)*

# Chronica Occidental

Nas egrejas das aldeias e villas ruraes já se vão fazendo preces *ad petendam pluviam*. Não crescem os trigos e mettem dó os rebanhos dizimados de animaes magrissimos.

Não é apenas nas mulheres que as apparencias enganam. Olhem para essa natureza como sorri! Quem diria que houve esta manhã quem mostrasse o punho ao explendor do sol nascente e que seja maldita por tanta gente a brisa do norte perfumada?

Não preciso arredar-me d'esta mesa onde escrevo, para cantar a primavera e não é muito o espaço por onde posso alargar a vista; mas como tudo é risonho: as frescas folhas de hera, que, ha quinze dias rebentaram; o velho ulmeiro, a que eu trepava quando criança e que se encheu de flores; o cantinho roxo que avisto de uma olaia despedaçada, condemnada á morte e que ainda quer rir ao sol! Tenho ali dois pecegueiros, que não dão fructo, mas que ainda dão flor, e, semeadas junto d'elles, meia duzia de violetas bastam para dar perfume ao ar em que, ás vezes, uma borboleta passa.

E andam os lavradores tão acabrunhados, e choram lagrimas amargas as mulheres com os olhos postos na Senhora do altar *ad petendam pluviam!* Até a propria natureza — e é tanta vez esta palavra synonimo de verdade! — até ella precisa de unha que esgaravate para que, debaixo do oiro do sol, se vá encontrar a miseria!

Aqui, em Lisboa, ninguem dá por isso. São regadas as arvores dos passeios, os pardaes lá se governam, e não vêmos escassez de ninhos nem de flores. Já duas toiradas annunciaram os cartazes do Campo Pequeno, e os electricos e as carruagens em fila foram-se, com os amadores contentes, por essas avenidas fóra, cheias de construcções novas, com suas cantarias a falar-nos de muita riqueza.

Quem pensa na velhinha d'olhos tristes que tem sem trabalho, em casa, o marido e os filhos? Parece que o mundo é uma sala de jogo, em que sempre a alegria d'uns se forma com a tristeza dos outros. Até que chegue a tristeza para todos.

Quem deve realmente levar de Portugal uma recordação luminosa e perfumada é o nosso ultimo régio visitante, o rei de Saxe. Não parou emquanto cá esteve; até parece que tinha, como Santo Antonio, a prenda de estar em varios sitios ao mesmo tempo. Mafra, Setubal, Cintra, Azeitão, Cascaes, Palmella, creio que viu tudo no mesmo dia, mais o quartel de caçadores 5, o alto da Graça e o Bussaco.

E tudo cheio de sol!... Não é natural que o rei deitasse um olhar, distrahido que fosse, para dentro das casas em que tanto sol fazia chorar.

São os contrastes sempre aos milhares. Para falarmos de lagrimas, não era preciso irmos ás choças pobresinhas dos trabalhadores do campo. Em quanta familia, ali onde se respirava felicidade, entrou a desgraça e o luto, com o sol a falar de vida!

Lembra-me agora uma tarde alegre em que Oliveira Alvarenga me levou a sua casa, a jantar, n'um dos sitios mais lindos do Porto. Era na primavera tambem. A casa, um primor; muito cheia de coisinhas d'arte, não muito ricas, porque o dono era pobre, mas escolhidas com amor, com delicioso bom gosto de artista. Como elle abençoava, contente — caso tão raro entre nós! — o seu trabalho! E ninguem mais do que elle trabalhava... para aquillo, para ter o seu ninho muito conchegado. Luziam-lhe de contentamento os olhos muito claros.

Bemdita intelligencia que Deus lhe dera! Jornalista, e dos mais distinctos de Portugal, professor e dos mais crentes na instrucção, descançando, ás vezes, nem meia duzia de horas por dia, conseguira dar o descanço ao pae, que roubára carinhoso, o pão da propria bocca para dar instrucção ao filho. O velhinho poude morrer socegado. Falou-lhe o coração de amor e do coração lhe veiu maior dose de energia. A mulher que muito amava quiz offerecer-lhe um ninho digno de tanto amor. Ai, o primeiro chilreio do primeiro filho!... Que alegria houve n'aquelle doce lar!

Para acudir ao filho que estava doente, sahiu uma noite, e a morte espreitava-o! Morreu n'um d'estes dias lindos, e os jornaes do Porto contaram o que foi o sentimento em toda aquella cidade. Leio agora que uma commissão de alumnos da Escola Elementar de Commercio resolveu mandar dizer uma missa por alma do querido mestre e depôr em seu tumulo uma palma de marmore.

É como o obulo da viuva que enterneceu Jesus. Bem merece aquella alma santa a homenagem terna que lhe prestam.

Foi Oliveira Alvarenga exemplo de jornalistas, e quantos trabalhadores haverá, artistas ou homens de sciencia, que, ainda hoje, ao artigo anonymo de Alvarenga, devem um pouco mais de consideração que disfructam, talvez até a melhoria do bem estar?

Foi cheio de talento e de bondade, e espalhou seus beneficios como um prodigo. Agora que tanto se discute a imprensa, os que lhe foram honra ainda mais devem ser exaltados.

A discussão terminou na camara dos pares, sendo muito discutidos e elogiados os discursos dos srs. Julio de Vilhena, Alpoim, Hintze Ribeiro e João Arroyo.

Resta ainda ao governo resolver o assumpto de Coimbra para se vêr livre emfim das questões que n'este momento mais o atormentaram. Não quer isto dizer que não hajam nuvens negras, como as dos sanatorios e adeantamentos; mas os chapéos de chuva vão fechar-se por uns tempos com o addiamento das discussões.

Emquanto se vão em Coimbra procurando testemunhas para os processos academicos, realisam-se comicios no Porto, e a commissão dos estudantes moradores em Lisboa trata de organisar conferencias, que hão de realisar-se na Sociedade de Geographia, devendo a ellas presidir o sr. vice-almirante Ferreira do Amaral ou pessoa em que delegue o encargo.

O tempo vae de desassocegos até n'esta nossa pequenina terra, por demais costumada á tranquilidade. Lá fora deante de desgraças horriveis, vimos agora inimigos historicos apertarem-se compungidamente as mãos.

A explosão na mina de Kleinrosseis, da qual já foram tirados sessenta e sete cadaveres, levou o presidente da Republica franceza a mandar um telegramma de condolencias ao Imperador Guilherme. Não se havia este esquecido da França quando do horrivel desastre do couraçado *Iena*. Fallières, que foi assistir ao enterro das victimas, em Toulon, no seu discurso se referiu á solidariedade com que os thronos e os povos vieram manifestar a generosa sympathia com que honraram a memoria das victimas, chorando a sorte da França.

Teem as grandes desgraças ao menos esta virtude, de acordarem os corações para a piedade. Faz, um dia d'estes dezenove annos que ardeu o theatro Baquet do Porto, perecendo muita gente no incendio. Com mais numerosas victimas não houve desgraça, depois d'esta, em Portugal. A impressão foi enorme em todo o paiz; de todos os lados acudiam esmolas para as victimas. Foram bem maus dias esses.

Mas até quando a caridade se mostra mais eloquente e expansiva, não deixa de revelar-se o egoismo. É que o desastre fere-nos tanto mais, quanto mais perto de nós faz o raio seus estragos. É natural que seja assim, mas a natureza do facto deve buscar-se-lhe a rasão no egoismo humano. O mal que mais nos afflige é aquelle a que andamos mais arriscados. Chinezes commetteram crueldades medonhas por motivos politicos? Foi lá na China, quasi nos não importa. Morreram duzentos trabalhadores n'uma mina de carvão? Pobres familias! Mas emfim, nós não trabalhamos no fundo das minas. Foi um couraçado pelos ares? Que desgraça! É que nós temos parentes, amigos, que são officiaes de marinha. Arde um theatro?... E eu que tinha pensado em lá ir!

Assim chegamos ao contrasenso de vermos o egoismo desenvolvendo a caridade. E não é a affirmação tão paradoxal como poderia, a principio, parecer.

Depois quem está no theatro, foi lá para divertir-se. Achar-se a morte onde se ia buscar uma distração, parece que mais desperta a piedade.

Mas não pensemos em coisas tristes falando de theatro e quando está em Lisboa a Tina di Lorenzo, uma das maiores glorias da arte dramatica italiana.

Seria bello o ensejo agora para mais uma vez ainda, discutir a vinda a Lisboa das companhias estrangeiras, quando as emprezas portuguezas se queixam de ver seus theatros abandonados. Mas o assumpto está muito gasto, e, quando no theatro podermos admirar, sem incommodo de longas viagens, o que ha de maior no mundo em arte dramatica, parece-nos que não podem ser duas as opiniões.

Não falemos pois do assumpto, e da Tina falaremos para a outra vez.

João da Camara.

# O Centenario do Duque de Avila e de Bolama

O dia 8 de março é para os faialenses uma data memoravel porque em egual dia de 1806, nasceu, na então villa da Horta, uma creança, filha de paes humildes, que havia de ilustrar e engrandecer seu nome pelo trabalho perseverante auxiliado por uma inteligencia clara e bondade natural.

Tal foi Antonio José de Avila, filho de Manoel José de Avila, modesto operario, que reunindo por seu trabalho alguns meios de fortuna, chegou a ser negociante encartado da praça do Faial.

Esses meios lhe permitiram dar uma educação superior a seu filho, que aos 15 annos se matriculava no curso de filosofia da Universidade de Coimbra. Era uma creança, mas a sua inteligencia revelava-se vigorosa, prometedora de auspicioso futuro. Entretanto por muito que as boas fadas lhe vaticinassem honrarias e grandesas, longe estaria então essa creança de esperar subir aos mais altos cargos publicos e ás primeiras grandesas da côrte, elle que de tanta humildade vinha a conquistar posição na sociedade.

Por isso mesmo maior foi sua gloria: engrandeceu-se a si, engrandeceu o berço e o torrão onde nasceu, engrandeceu a patria portuguêsa como dos filhos que mais a honraram.

Naquelle torrão português, perdido no meio do oceano, onde as primeiras liberdades se fortificaram, desfraldando livremente aos quatro ventos a bandeira azul e branca, como em 1640 presurosos correram seus filhos a alçarem o pendão da independencia da patria; naquelle torrão, joia cintilante que brilha na corôa de Portugal, não ficou esquecido o filho que ilustra sua historia, e no dia 8 deste mez, os faialenses commemoraram com festas publicas o centenario do nascimento do Duque de Avila e de Bolama, lançando ao mesmo tempo as bases para um monumento que lhe vão erigir.

O sentimento patriotico que brotou em corações agradecidos, irradiou até á côrte da patria commum onde encontrou éco nos filhos dos açores, e chegou até ás duas casas do parlamento, campo das lutas e das glorias do ilustre faialense.

Em Lisboa se reuniram seus conterraneos, num largo amplexo de amor fraternal e animados do mesmo sentimento que seus irmãos de além mar, foram respeitosamente depôr nas mãos da sr.ª Duquesa de Avila e de Bolama, uma mensagem commemorativa, que o sr. Conselheiro José Curry da Camara Cabral, leu á viuva do ilustre estadista.

A mensagem é do teôr seguinte:

«Ex.ma sr.ª duqueza de Avila e Bolama. — Os faialenses residentes em Lisboa agradecem a vossa ex.ª a honra que lhes concedeu, dignando-se recebel-os hoje. Solicitando este favor, pretenderam todos, unidos e impulsionados pelo mesmo sentimento, ter a felicidade de apresentar pessoalmente a vossa ex.ª, em respeitosa homenagem, a viva expressão do caloroso enthusiasmo com que se associam á celebração solemne do dia de hoje.

Além, n'aquelles palmos de terra que o oceano cerca e onde ha cem annos viu a luz do dia pela primeira vez o mais glorioso dos seus filhos, que veiu a ser a elevada personalidade do duque de Avila e de Bolama, vibra n'este momento em unisono toda uma população empenhada em legar aos vindouros o tributo da sua admiração pelo homem excepcional que em si consubstanciou o trabalho perserverante, que tudo vence, a grandeza de espirito, que domina todas as situações, a elevação do talento sublimado pelo estudo, que dá a auctoridade que se impõe — predicados que o levaram ás maiores grandezas d'este reino e o tornaram amparo da patria na orientação dos seus destinos.

O monumento a que hoje se dá começo na terra natal do duque de Avila e de Bolama, dirá no futuro que os seus conterraneos quizeram perpetuar no bronze as acclamações com que festejaram o centenario do nascimento do seu patricio, proclamando-o, com o mais legitimo orgulho, a gloria mais completa da sua terra e dos mais assignalados da patria commum.

E as nossas vozes que bem queriamos juntar ao côro dos que n'este momento entoam o hymno de consagração de tão grandes merecimentos, não teem força para atravessar o oceano, nem o vento as pode levar para as repercutir em echos de saudade e de louvor.

Ex.ma sr.ª duqueza! Foi v. ex.ª a escolhida do coração d'aquelle nobre e grande vulto, foi v. ex.ª a companheira dedicada dos trabalhos e das fadigas, dos desgostos e das alegrias d'aquelle alto espirito, — encarnou-se n'aquella forte organização; — permitta-nos que o tributo da nossa admiração, do nosso respeitoso applauso e do nosso legitimo

orgulho de patricios do duque de Avila e Bolama, seja por nós entregue ao seu coração, confiados em que hade perdoar-nos a ousadia.

Lisboa, 8 de março de 1907».

Commovida ouvio a sr.ª duqueza lêr esta mensagem, de portuguêses não esquecidos, que ao cabo de vinte e seis annos depois do fallecimento de seu saudoso marido, vinham prestar tão carinhosa homenagem á sua memoria. Della participaram tambem os srs. marquêses de Avila, que estreitos laços de sangue prendem ao ilustre extinto.

A esta homenagem como que de familia, outra mais publica e solemne se associou nas duas casas do parlamento.

Na camara dos pares o sr. Marquês de Avila recorda a data do nascimento de seu tio e agradece ao governo, á camara da Horta e a todos os seus conterraneos que concorreram para a commemoração que naquelle dia se estava fazendo nas salas do parlamento, e na cidade que fora berço do Duque de Avila e de Bolama. Depois faz o seu elogio historico desde os bancos da Universidade e descreve os serviços prestados por Antonio José de Avila á causa constitucional, recordando como este recebeu D. Pedro IV na Horta, sendo presidente do municipio, e como influio para a antiga villa ser elevada a cidade pelo imperador, graça que os faialenses vinham solicitando de ha mais de tres seculos.

Por fim o sr. Marquês de Avila manda para a presidencia o seguinte óficio da camara municipal da Horta:

«Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Presidente da Camara dos Dignos Pares do Reino.

A camara municipal da cidade da Horta, ilha do Fayal, Açores, terra da naturalidade do fallecido duque de Avila e de Bolama, deliberou commemorar condignamente o centenario d'aquelle notavel estadista, que passa no dia 8 de março proximo, resolvendo entre outras manifestações erguer-lhe um monumento em o largo da cidade que traz o seu nome.

Tendo sido o duque de Avila, desde 11 de Outubro de 1872, Presidente da Camara dos Dignos Pares do Reino, na qual sempre confirmou provas do seu valor intellectual, do seu honrado caracter e do seu extremo patriotismo, a Camara da Horta julga um dever solicitar, n'esta homenagem, a collaboração da Camara dos Dignos Pares do Reino, auctorisando esta que o Estado conceda o bronze para a estatua do Duque de Avila e permitta a sua fundição no Arsenal do Exercito.

Deus Guarde a V. Ex.ª

Paços do Concelho da Horta, Açores, 15 de Fevereiro de 1907.

Ill.mo Ex.mo Sr. Presidente da Camara dos Dignos Pares do Reino.

O presidente da Camara
(a) *Francisco Pereira Ribeiro.*»

Então toda a camara se associa á homenagem prestada á memoria do Duque de Avila e de Bolama, principiando pelo sr. Hintze Ribeiro que manda para a mesa o seguinte projéto de lei:

Artigo 1.º É o governo auctorisado a fornecer e mandar fundir, á custa do thesouro, o bronze necessario para o monumento que se projecta erigir na cidade da Horta, em memoria do inclito estadista, Duque de Avila e de Bolama.

Artigo 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Sala das sessões, em 8 de março de 1907. (aa) José Luciano de Castro, Antonio Candido Ribeiro da Costa, Francisco Antonio da Veiga Beirão, Telles de Vasconcellos, José Maria Alpoim, Mello Sousa, Jacintho Candido, Julio Vilhena, Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro.»

Lendo-se os nomes que firmam este projéto, vê-se que nelles estão todas as parcialidades politicas, e esta circunstancia que pouco seria de notar, a respeito de outro qualquer homem politico, perante a morte do qual se apagam as paixões partidarias, tratando-se do Duque de Avila e de Bolama, tem o cunho da sinceridade e do respeito pela verdade, porque o português que ali se exalçava, foi antes de tudo um grande patriota, que nunca se deixou arrastar pela obsecação partidaria e a sua politica foi sempre conciliadora, como um poder moderador entre os partidos do seu tempo, bem mais intransigentes e divididos em suas ideias do que os de hoje.

Todos recordaram isto na casa do parlamento, onde ainda vivem alguns dos seus membros que treçaram armas com o grande parlamentar em exaltadas discussões, e raro conseguiram vencer a sua palavra serena e desapaixonada, embora vigorosa e inergica. Um digno par houve, o sr. Julio de Vilhena que no meio do seu discurso disse: «tendo combatido o Duque de Avila, fôra sempre vencido pela sua eloquencia».

Por fim foi votado por acclamação o projéto apresentado pelo sr. Hintze Ribeiro e levantada a sessão.

Assim a camara alta honrou a memoria do que por tantos annos foi seu presidente.

Na camara dos deputados foi tambem unanimemente votada uma homenagem á memoria do Duque de Avila e de Bolama e levantada a sessão.

A companhia do Credito Predial Português reuniu extraordinariamente o seu conselho fiscal e de administração sob a presidencia do sr. conselheiro José Luciano de Castro, para celebrar uma sessão em homenagem á memoria do seu antigo presidente.

A Companhia das Lesirias, que relevantes serviços deveu ao ilustre estadista, tambem celebrou o dia do centenario inaugurando uma escola, em Samora Correia, com o nome de Duque de Avila e de Bolama.

A Sociedade de Geographia tambem se associou á commemoração, enviando ao sr. Marquês de Avila um óficio recordando a inteligencia e dedicação com que o grande estadista defendeu os direitos de Portugal perante a arbitragem que julgou a contestação da posse dos territorios de Bolama, vencendo com inteira justiça a nossa causa.

Foi este um dos maiores padrões de gloria do Duque de Avila e de Bolama, que lhe mereceu este ultimo titulo, concedido por El-Rei D. Luiz em atenção aos relevantes serviços por elle prestados na referida arbitragem.

Não foi esta a sua unica missão no estrangeiro. Em 1863 foi enviado ao congresso de estatistica de Berlim. Em 1867 toma parte no congresso para unificação da moeda reunido em Paris, onde apresenta a ideia de um unico padrão de moeda de oiro, ideia que mereceu os aplausos do congresso e que depois foi tratada e descutida, em livros, por economistas de varios paises.

Muito teriamos que alongar este artigo se fossemos a apreciar detidamente todos os actos publicos do notavel estadista cuja vida atravessou os tres primeiros quarteis do seculo passado, por isso nos limitaremos a apontar resumidamente as suas notas biographicas, que respigamos na *Enciclopedia Portuguêsa* e que são um exemplo de trabalho e um modelo de serviços á causa publica do pais!

Em 1822 cursou a Universidade de Coimbra. Feito bacharel, foi encarregado de leccionar um curso de philosophia na Horta. Organisou ali algumas conferencias, e, em 1827, uma festa litteraria que fez convergir sobre elle a attenção. N'esta data passava Portugal por uma crise lamentavel. D João VI tinha morrido no anno antecedente, e D. Miguel, fazendo valer os seus direitos depois de ter assumido a regencia (26 de fevereiro de 1828), provocára e conseguiu a sua subida ao throno (11 de julho de 1828), sendo a acclamação jurada e proclamada em côrtes. Reinava então em todo o seu pavor o absolutismo e as suas alçadas.

O partido constitucional, que era por D. Pedro IV e pelos direitos ao throno de sua filha D. Maria da Gloria (depois D. Maria II), vencido e perseguido no continente, refugiou-se nas ilhas dos Açores, onde foi estabelecido um conselho de regencia nomeado pelo imperador D. Pedro (15 de março de 1830). Estes acontecimentos imprevistos, esta longa lucta, menos da legitimidade contra a usurpação que do liberalismo contra a autocracia, fiseram amadurecer o espirito politico do joven professor da Horta e servir de ponto de partida aos seus altos destinos. A principio foi nomeado capitão d'uma companhia de voluntarios, depois presidente da camara municipal do seu conselho.

Quando D. Pedro, depois de ter abdicado a corôa imperial do Brazil para restabelecer os chamados direitos de sua filha á corôa de Portugal, desembarcou na ilha do Fayal (7 de abril de 1832), desde logo adivinhou o valor do bacharel Avila e nomeou-o administrador. Depois do restabelecimento do governo constitucional (1834), foi eleito deputado e teve assento na camara durante vinte e seis annos consecutivos, como representante ou da sua terra natal ou de diversos circulos do continente. Tambem foi governador civil de Evora, do Porto, e exerceu as funcções de conselheiro d'Estado, foi ministro da fazenda no gabinete a que presidiu Joaquim Antonio d'Aguiar (9 de junho de 1841 — 7 de fevereiro de 1842); foi-lhe dada a mesma pasta no gabinete do conde de Thomar (18 de junho de 1849 — 1 de maio de 1851), depois no primeiro gabinete do duque de Loulé (14 de março de 1857 — 16 de março de 1859). Foi tambem ministro dos estrangeiros no segundo gabinete de Loulé (4 de julho de 1860 — 21 de fevereiro de 1862) e no primeiro gabinete de Sá da Bandeira 17 d'Abril a 4 de setembro de 1865).

Nomeado par do reino em 17 de março de 1861, continuou a occupar na camara alta a situação preponderante que teve na dos deputados. Foi agraciado com o titulo de conde d'Avila em 13 de fevereira de 1864. A 4 de janeiro de 1868 foi encarregado de formar gabinete, que só durou até 22 de julho d'esse mesmo anno, e foi-lhe dada a embaixada de Paris. Após a decisão arbitral da Republica dos Estados Unidos da America do Norte em favor de Portugal na questão da posse da ilha de Bolama (Guiné), que a Inglaterra nos contestava, questão em que demonstrou muita firmeza durante as suas negociações com a Inglaterra em 1865, quando ministro, foi elevado a marquez, accrescentando se-lhe ao titulo o nome d'aquella ilha portugueza (marquez d'Avila e Bolama, 24 de maio de 1870).

No segundo ministerio Sá da Bandeira (29 d'agosto de 1870) teve de novo a pasta da fazenda, e deixou-a pela dos estrangeiros no segundo gabinete que foi encarregado de organisar dois mezes mais tarde e que durou até 13 de setembro de 1871. Em-fim, foi por ultima vez, presidente do conselho, de 5 de março de 1877 a 29 de janeiro de 1878, e a 14 de março seguinte, foi elevado a duque.

Orador mais vigoroso que brilhante, era sempre ouvido com attenção e respeito. Como homem politico, foi a principio liberal e o iniciador da extensão do direito de suffragio; para o fim da sua carreira transformara-se, porém, em ultra-conservador. Foi bom financeiro e economista. Representou Portugal em congressos internacionaes de estatistica, e a memoria, que publicou ao tempo, tem valor.

Era socio da Academia Real das Sciencias, onde occupou o logar de vice-presidente. Não deixou descendencia.

O Duque de Avila e de Bolama possuia todas as grã-cruzes e commendas das ordens portuguêsas e bem assim muitas estrangeiras, sendo rara a que elle não tivesse, e que sobre modo apreciava.

*

A commissão que em Lisboa tomou a iniciativa de commemerar a data gloriosa do nascimento do Duque d'Avila e de Bolama, compôs-se dos srs. conselheiro José Curry da Camara Cabral, presidente, Dr. Guilherme da Silva Junior, Dr. Guilherme de Oliveira Street de Arriaga, Henrique Linhares de Lima, G. Rodrigues Fernandes, a qual agregou a si outros filhos dos Açôres, entre elles os srs. Dr. Manuel d'Arriaga, Francisco Perestrello de Vasconcellos, João de Arriaga B. da Silveira, Antonio Ferreira de Serpa, Antonio Telles Machado Junior, Rodrigo Alves Guerra, capitão de mar e guerra Antonio de Azevedo Gomes, dr. Manuel Velloso de Armelim Junior, Alberto Curry da Camara Cabral, João Augusto da Silveira, Antonio Garcia da Rosa, capitão Antonio Serrão de Carvalho, Alberto Ribeiro, Manuel do Canto Lacerda, Sergio Ribeiro de Sousa, Guilherme Martins Alves, Manuel Baptista da Silva, Antonio Goulart Cardoso, João Joaquim André de Freitas, Augusto da Silva Carvalho Osorio, João Baptista da Silva, tenente Raul Bettencourt Furtado, Guilherme Goulart da Costa, João Machado da Conceição, Armando de Azevedo e Silva, Manuel Thomaz de Mello Pereira, José Maria da Rosa Junior, Clarimundo V. Emilio, Joaquim Rocha Bettencourt, Manuel C. de Medeiros.

Foi esta commissão que, antes de se dirigir a casa da sr.ª Duqueza de Avila e Bolama, se fotografou no grupo que reproduzimos a paginas 60.

### Ilha do Faial — Cidade da Horta

A ilha do Faial, onde, na cidade da Horta, viu a primeira luz do mundo o Duque de Avila e de Bolama, está situada a 38.º e 30' de latitude norte e 19.º e 33' de longitude oeste de Lisboa.

Ella forma com as suas visinhas, Terceira, Graciosa, S. Jorge, Flôres, Corvo, S. Miguel, Santa Maria e Pico, o formoso arquipelago dos Açôres, descoberto por Gonçalo Velho Cabral no anno de 1432. Seu nome lhe veiu das muitas faias que nella encontraram os seus descobridores.

Seu clima é dos mais temperados em todas as estações, sendo terra mui saudavel e fertil. Sua população não excede de 25:000 almas.

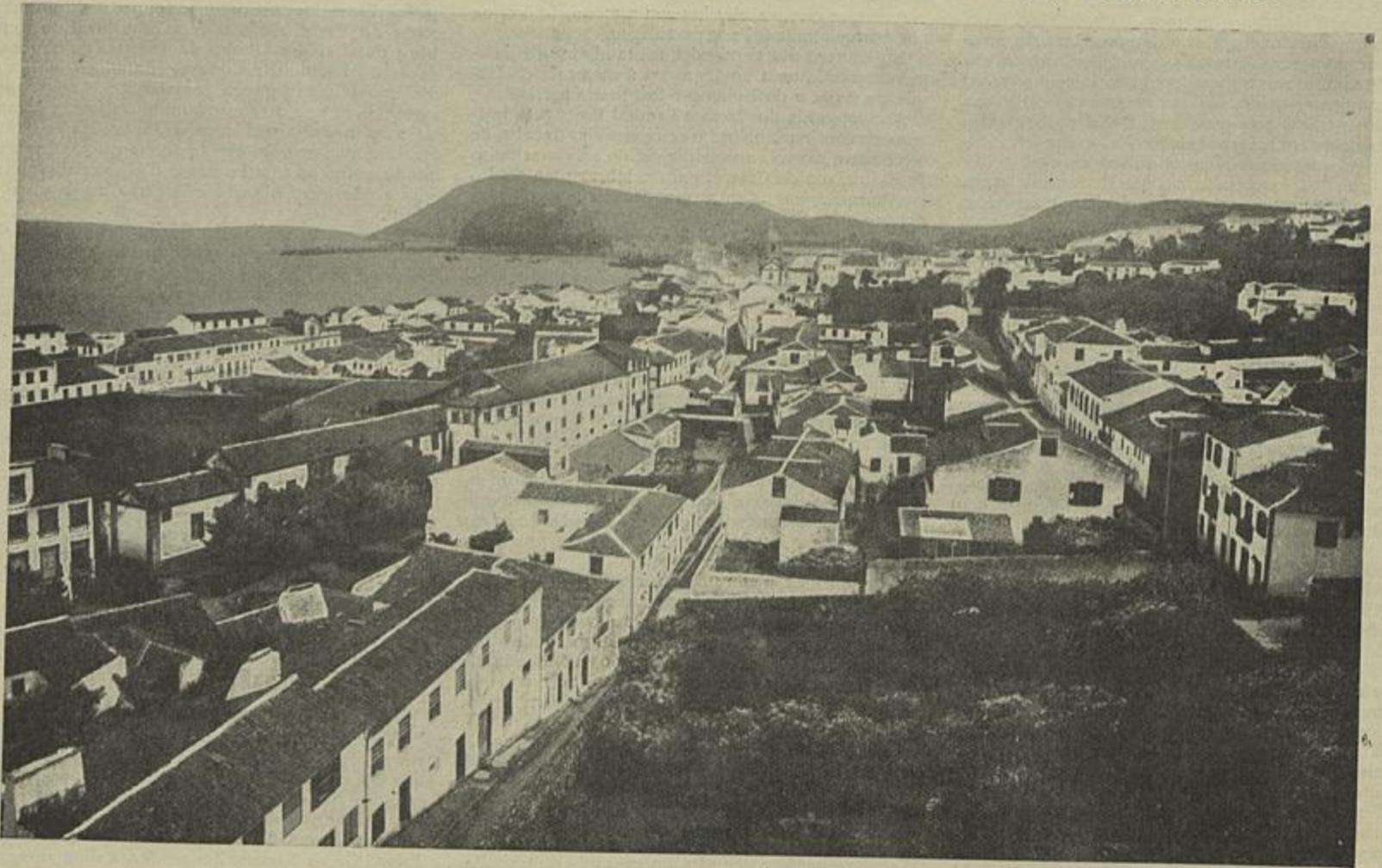
A capital é a cidade da Horta, cabeça do districto administrativo do mesmo nome.

Foi nesta cidade que no dia 8 do corrente se celebraram grandes festas publicas em honra da memoria do Duque de Avila e Bolama, festas em que tomaram parte todas as classes sociaes.

Um grande cortejo civico percorreu as principaes ruas até á de Santo Elias onde foi desvelada a lapide collocada na casa onde nasceu o notavel estadista, seguindo o cortejo, depois desta ceremonia, até ao Largo do Duque de Avila e de Bolama, onde se procedeu ao lançamento da primeira pedra do monumento que ali vae ser levantado á memoria do illustre faialense.

Gratos se mostram os faialenses pagando á memoria do seu benemerito conterraneo, o tributo que lhe era devido.

C. A.

# CENTENARIO DO DUQUE DE AVILA E DE BOLAMA

ILHA DO FAIAL — A cidade da Horta onde nasceu o duque de Avila e de Bolama
*(De fotografia)*

Commissão faialense de Lisboa, presidida pelo sr. Conselheiro Curry Cabral, que entregou a mensagem á sr.ª duqueza de Avila e de Bolama
*(De fotografia do sr. Camacho*

## A VIRGEM DE LOURDES

### Esculptura de Fernandes de Sá

Na já numerosa galeria das obras de Fernandes de Sá colocamos hoje mais um trabalho notavel do talentoso esculptor, a sua *Virgem de Lourdes*, primorosa estatua em finissimo marmore de Carrara, feita expressamente para o oratorio do palacio do sr. Visconde de S. João da Pesqueira.

É uma esculptura religiosa que, sem perder nada do misticismo que deve revestir a imagem da Immaculada Virgem, apresenta a belleza esculptural do rosto e das mãos e a naturalidade com que o manto envolve a figura, sem convencionalismos anacronicos e antes procurando dar-lhe seu verdadeiro caracter.

Fernandes de Sá, sujeitando a sua fantasia ao estudo da verdade historica, poude conciliar o seu espirito realista, com o ideal religioso e produzir uma imagem da Virgem, em que rescende toda a pureza e doçura da privilegiada mãe do Divino Jesus.

Esta esculptura figurou numa recente exposição de trabalhos de Arthur Loureiro e Fernandes de Sá no atelier-escola d'este artista, no Palacio de Cristal do Porto, onde foi justamente apreciada pelo publico.

## UM CENTRO DE MESA

### Obra de Arte da Ourivesaria Leitão & Irmão

O renascimento da arte portuguêsa, nas suas variadas manifestações é um facto que vem afirmando-se nestes ultimos annos, provando com obras de reconhecido merito, que não tem sido inutil as migalhas que os governos deixam cair da mesa do orçamento para subsidiar modestamente artistas a estudarem no estrangeiro, e costeio das escolas industriaes, que um ministro tão inteligente quanto arrojado ousou crear, ainda não ha muitos annos, em Portugal.

Dizem-no as frequentes exposições de arte realisadas no país desde 1882. Dizem-no as recompensas concedidas a artistas portuguêses nas exposições a que tem concorrido, nos centros mais adeantados da arte, na França, na Allemanha, na Espanha etc., em que alguns tem chegado a obter os primeiros premios, e muito raros tem sido aquelles estudantes portuguêses que, concluindos os seus estudos lá fóra, não apresentem os seus diplomas laureados com honrosas distinções sem favor.

A pintura, a esculptura, e todas as mais ramificações da arte aplicada tem hoje em Portugal, como já haviam tido em outras epocas, cultores devotados e talentosos, e tudo isto nos diz quanto mais adeantados estariamos e como seria prospera

A VIRGEM DE LOURDES

Esculptura de Fernandes de Sá destinada ao oratorio do palacio do sr. visconde de S. João da Pesqueira.

esta nacionalidade, se a instrução publica em toda a sua amplitude fosse, em nosso país, um facto em vez de uma mera aspiração muito longe de se realisar.

Com a deficiencia de nossas escolas, com a falta de estimolo para professores e discipulos, com a má orientação dos programas de ensino, não se póde exigir mais do que se tem avançado nestes ultimos 20 annos, tempo bastante para crear uma geração nova, que tanto mais e melhor instruida seria, se o ensino estivesse a par do que se ministra lá fóra.

Do atraso da instrução em nosso país tudo se recente e no espirito publico se refléte, onde raro se encontra quem aprecie e comprehenda todo o alcance das manifestações da arte como da sciencia, as duas grandes forças do progresso.

Neste estado social, que ligeiramente apontamos, que trabalho, que esforço de energia é mister para produsir obras de valor e despertar o interesse publico!

E comtudo essas obras vão aparecendo como a que dá motivo a estas linhas e que apresentamos a nossos leitores.

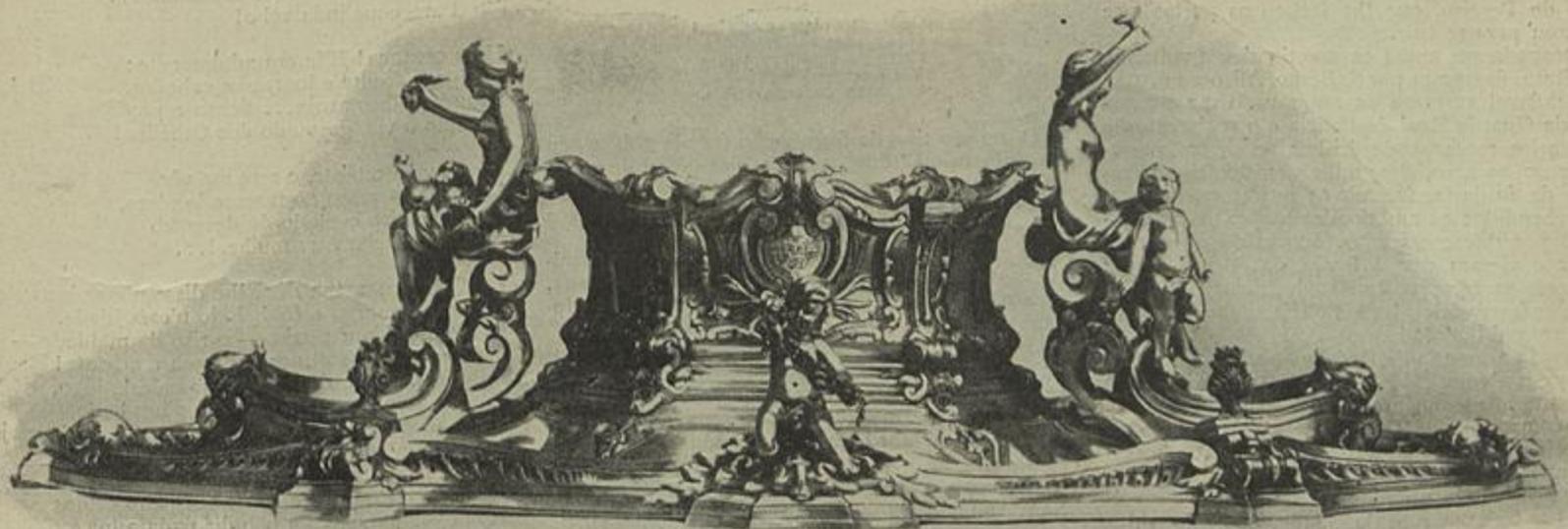
E' o artistico centro de mesa, em prata cinselado, e que ha pouco esteve exposto ao publico na ourivesaria dos srs. Leitão & Irmão, no largo das duas Egrejas, e nas oficinas dos quaes foi executado.

Não é esta a primeira obra de arte que a casa Leitão produz; muitas outras tem figurado no Occidente sahidas d'aquellas oficinas, desde o calix oferecido por El-Rei D. Luiz ao Papa Leão XIII no jubileu de 1888, trabalho primoroso digno das mãos de um Gil Vicente, até á soberba baixela Barahona, que foi um verdadeiro acontecimento artistico de que a critica se ocupou largamente ainda não ha muitos annos.

Essa baixela parecia ser a ultima palavra, deixei-nos assim diser, do estilo de D. João V, ou Luiz XIV aplicado aos limites da ourivesaria, e não obstante, surge agora o centro de que nos estamos ocupando, e apresenta uma notavel variante sob os mesmos motivos, de admiravel elegancia e finura, como a que se nota na epoca Luiz XVI e que em Portugal corresponde a D. Maria I.

Mais gracioso nas suas linhas geraes, lançadas com desafogo e naturalidade, sente-se ao vêr este centro monumental, que não ha nada ali a pôr ou a tirar para satisfaser o nosso espirito na concepção de uma verdadeira obra de Arte.

A regidês do metal não tem a maliabilidade do barro ou da cêra, que permite ao artista exprimir todos os recursos de sua fantasia, e por isso tanto mais é digno de apreço, tornal-o maleavel e obter delle essas linhas caprichosas e suaves que compõem um todo de suprema elegancia e arte.

Para produsir este centro monumental duas circonstancias concorreram que são de ponderar: a competencia artistica dos srs. Leitão & Irmão, e o bom gosto e liberalidade do sr. Candido de Soto-

Centro de mesa em prata executado nas oficinas dos srs. Leitão & Irmão, para o sr. Candido Sotomaior

*(De fotografia)*

maior que permetiu esta manifestação de arte com que se vae opulentando a ourivesaria nacional de tão gloriosas tradições.

O centro *Sotomaior*, assim o denominaremos, compõe-se de uma base simples em suas linhas de graciosas volutas, que muito naturalmente a contornam, e della se ergue ao centro a taça sob os mesmos motivos, em forma octogonal com apainelados nas faces levemente decoradas de palmas e floração. Nos extremos mais estreitos da base formam-se dois tanques sobre os quaes se agrúpam as graciosas figuras dos pequeninos Genios e das Bacantes ligeiramente encostadas aos bordos da taça. As Bacantes erguem na mão direita um cacho de uvas e a taça das libações, que os Amorsinhos vêem cubiçosos com seu ar infantil e alegre, que encanto é vêr. Nas faces lateraes outros dois Amores animam a feliz composição, sustentando um, nas pequeninas mãos uma delicada grinalda de flôres, e o outro o racimo simbolico. A harmonia em todas as linhas deste desenho é notavel e de ahi resulta o conjunto agradavel que apresenta á vista.

A ourivesaria nacional triunfa e progride com obras desta pujança e benemeritos são aquelles que bizarramente concorrem para o progresso das artes em nosso país.

---

# A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

## CAPITULO V

*(Continuado do n.º 1015)*

Do lado nascente da praça, no 1.º quartel do seculo passado, ainda não havia communicação para o largo das Taipas. Uma cortina de muro, substituia a escadaria que hoje lhe dá acesso, até á calçada da Patriarcal Queimada que, por milagre, ainda hoje conserva o primitivo nome.

Esse pedaço de muro evoca, quem o diria, um episodio das lutas civis do seculo findo. Por ali se salvou, fugindo á perseguição dos realistas, o misterioso agente incognito do movimento liberal de 1831, o famoso caudilho Albino de Figueiredo.

Contemos como isso succedeu, em breves linhas.

Pelas 10 horas da noite de 21 de agosto daquele anno, os moradores de Lisboa e mormente os bairristas de Campo de Ourique, foram sobresaltados por inesperados toques de corneta seguidos de grande algazarra e de alguns tiros. Revoltara-se o 2.º regimento de infantaria de Lisboa.

A nova propalou-se rapidamente animando os liberaes, chegando até o Limoeiro onde os presos aguardavam anciosos o resultado da sublevação. O regimento saiu para a rua, sendo logo morto no quartel o capitão Diogo Joaquim José da Victoria e feridos mais dois officiaes. D'ahi a pouco a grita era ensurdecedora. Davam-se vivas á Carta e á Rainha, á liberdade e a D. Pedro; estrondeava o entusiasmo e a fusilaria. Um misterioso liberal tomára o comando do regimento e, ao som do himno de 1826, dirigiu-se para o quartel do 16, a Valle de Pereiro, que lhe fechou as portas e se preparou para resistir.

Retrogadaram então os amotinados e voltando pelo Rato, desceram por S. Bento. Ali, porem, uma desagradavel surpresa os esperava. Uma companhia da Guarda Real de Policia e o regimento de voluntarios realistas de Lisboa ocidental, postados junto ao arco, deram-lhe uma mortifera descarga de fusilaria, fazendo-os retirar novamente. Surprehendidos os amotinados tomaram dispersamente por diferentes ruas, acossados pelos contrarios e vieram dar á Praça da Alegria, onde renderam as guardas do Estado Maior General e da Intendencia Geral da Policia, dando vivas a D. Pedro e á liberdade.

Forçada a guarda do Passeio Publico, dirigiram-se para o Rocio. Ahi julgavam encontrar outro regimento aliado ao movimento. Nova desillusão. Uma companhia da Guarda Real de Policia ali colocada acabou de os derrotar, depois de sucessivas e violentas descargas.

Começou então uma verdadeira caça aos revoltosos por todas as ruas da cidade. As companhias da Guarda e o 16 de infanteria, levaram toda a noite a perseguir os malhados. (1)

O motim durara apenas três horas escassas. A 1 hora da madrugada achava-se já pacificada a cidade e presos quasi todos os revoltosos. Albino de Figueiredo foi dos mais procurados, mercê do conto de réis promettido a quem o entregasse. Apezar de tudo conseguira salvar-se.

Foram-no procurar á praça das Flores, onde morava, mas elle furtando as voltas aos seus perseguidores, poude alcançar a Patriarcal com grande avanço sobre os miguelistas.

Ahi chegado e vendo o muro que deitava para as Taipas, cavalgou-o e deixou-se escorregar á ventura. Nessa ocasião passava ali um individuo acompanhando duas senhoras. O fugitivo implorou-lhe proteção e foi bem sucedido. O passeante nouturno recolheu-o e elle salvou-se. (1)

A boa escapou. Os seus companheiros liberaes tiveram o fim que era de prever. De nada lhes serviu o estar surta no Tejo a esquadra francêsa do Barão Roussin que os animára á tentativa liberal e com cuja proteção contavam. Poucos delles lograram acolher-se sob a bandeira francêsa. Alexandre Herculano foi um dos felizes.Protegido pelo escuro da noite poude alcançar um dos navios da esquadra,— a fragata *Melpomene* — donde passou para um paquete inglês que o levou a Inglaterra, onde esteve emigrado.

Dos que não conseguiram escapar das furias realistas, trinta e nove foram fusilados em Campo de Orique, onze absolvidos e trinta e dois degredados.

Tal foi o triste fim da revolta de 1831.

Fechemos o parentesis.

*

A Mãe de Agua, como é vulgarmente conhecido o chafariz que, até 1840, esteve no tôpo do Passeio Publico, ligou fortemente o seu nome á rua que liga a Praça da Alegria á Patriarcal, interceptada a meio por três lanços de escadaria de mesmo nome que vencem a grande diferença de nivel ali existente.

Desçamos rapidamente esses degraus que lembram uma das mais pungentes tragedias que tem impressionado a capital.

Transposta a rua, estamos na praça ajardinada, com o seu tanque central, e os seus canteiros floridos equilibrados sobre um taboleiro que regulariza o nivel desigual do terreno.

Porque se chamará *da Alegria* esta praça? Confesso a minha ignorancia; não sei.

Ali por 1780 e tantos, todas estas ruas eram povoadas de predios novos, edificados sobre hortas e quintaes. Como o sitio pela sua bôa posição fosse arejado e alegre é possivel que isso motivasse a designação por que depois foi conhecido. Apenas esta hipotese me atrevo a alvitrar.

O jardim que hoje lá vêmos foi plantado depois de 1881, por proposta do vereador Osorio em uma das sessões da camara daquelle anno.(2)

Anteriormente a essa data o terreno conservava-se á mercê do tempo e dos moradores das cercanias.

Ahi se fez durante alguns annos a historica feira da Ladra que ocupava não só a praça, como tambem o largo do Chafariz ou praça da Alegria de Baixo e a rua ocidental do Passeio Publico. Na actual praça faziam o seu estendal os ferros velhos e os *bric-á-bráquistas*.

Lá diz o anonimo autor de umas quintilhas, dedicadas á feira da Ladra: (3)

> Onde entre placas e espelhos
> O já pesado ancião,
> Capaz de dar mil conselhos
> Vae estendendo no chão
> Um monte de ferros-velhos.

O curioso tipo do ferro-velho fez ali, pois, o seu negocio desde 1809, em que, por edital de 27 de novembro desse anno, foi a feira para ali transferida, até 1835 não sem que, por duas vezes, fossem mandados sair.

A primeira vez foi em 1833. A camara determinára mudar a feira para o Campo de Sant'Anna, mas a resistencia dos feirantes e os empenhos foram de tal monta que lá conseguiram ficar.

Em abril de 1834, foi novamente mandada evacuar a praça da Alegria, mas suspendeu-se logo a seguir a execução do edital que o ordenava e os feirantes ali permaneceram ainda um anno. O edital de 24 de abril de 1835 é que por fim os pôz fóra. (4)

Nesse anno mudou-se tambem para o Campo de Sant'Anna, o mercado de fenno que era costume fazer em ambas as praças da Alegria. (5)

*

Até 1867 esteve a praça sem nenhuma frequencia certa de vendilhões urbanos. Nesse anno fazia-se ali o mercado dos perús, pelo Natal, como hoje se faz no largo de S. Domingos. (1)

*

Foram aqui os dois populares teatros d'Alegria, o primeira feito por iniciativa do falecido escriptor Jacobetty, explorando operetas e peças de grande efeito, e o segundo construido no local daquelle pelo jornalista Barata e por um official de nome Castanheira. O risco para a construção deste foi feito por José Augusto Barata e pelo maquinista Antonio Augusto da Silva. Era de madeira e ferro.

O espectaculo de inauguração foi a revista de 1889, intitulada *FF* e *RR*, original de Baptista Machado.

A 6 de março de 1890 levaram os emprezarios á scena *A Torpeza* de Antonio Campos Junior, em cujo enredo se envolvia a questão do *ultimatum*. Esta peça chamou grande concorrencia ao teatro que teve então os seus dias prosperos.

Da companhia que ali trabalhava fazia parte, entre outros, o insigne actor Joaquim de Almeida que é uma gloria nacional, mas cujo genio irrequieto lhe não permite impôr-se como devia e podia. Por desintelegencias havidas entre elle e os emprezarios saiu, e o teatro fechou. Depois foi explorado por diferentes sociedades artisticas al. cançando apenas algum sucesso *As vinte mulheres do rei*. Seguiram-se outras tentativas infelizes, depois do que foi o teatro vendido em hasta publica e afinal demolido. (2).

*(Continúa).*

G. DE MATOS SEQUEIRA

(1) Portugal desde 1828 a 1834 por Francisco Antonio da Cunha Pina Manique — paginas 141.

(1) Lisboa de Ontros Tempos, pelo Snr. Pinto de Carvalho (Tinops).
(2) Arquivo Municipal, — Resumo das sessões desse anno.
(3) Quintilhas compostas por J J R falando com a sua musa, e lembrando-lhe o que com ella tem passado etc. 4.º de 16 paginas — impresso em 1780.
(4) Lisboa Antiga de J. de Castilho — Volume VI — 1.ª edição, Paginas.
(5) Idem.

(1) Arquivo Municipal — já citado.
(2) Carteira do Artista pelo Snr. Sousa Bastos.

# OTHELLOS

(Ao distincto Poeta — JULIO DANTAS)

I

Meu Deus, que noute aquella! A terra, o mar, o ceu,
A natureza toda adormecida estava;
Sônho innocente e bom, em torno d'ella errava;
Aos raios do luar assim foi que a vi eu!
Tudo calmo e tranquillo. Em perfumada alfombra
Dir-se-ia a terra inteira a pallida Desdemona,
— Coração virginal, tão puro como a anemona,
Que Othello ha de ir, algôz, despedaçar na sombra!

Othello sim — a dôr — a lagrima — o ciume!
Um peito d'onde fóge o derradeiro grito!
Uma prece final d'um coração afflicto,
Que muito amôr contem e muito fel resume!

E quem era esse Othello?
N'essa noute encontrei-o no caminho·
Coitado! ia chorando... ia sosinho...
Parece-me inda vêl-o!

Uma creança! Elle era adolescente;
Pallida a fronte e louros os cabellos,
Grandes olhos azues... ficava a gente
Quando o via, gostando dos Othellos!

E soluçava o triste, e sem me vêr
Levando as mãos ao macerado rôsto,
N'um suspiro evolado do desgosto
Elle exclamou: mulher!...

«— Conheço a tua dôr (lhe disse n'esse instante)
E' muito amargo o fél bebido n'essa idade,
O fél que n'um sorriso — o riso da maldade —
Em taça de crystal nos entregou a amante!
Babeste-o d'um só trago e não cahiste logo,
Porque julgaste ter o antidoto n'um beijo,
Mas, ai, quando lhe ouviste o derradeiro harpejo
Lançaste o coração n'um barathro de fogo!
Chora, creança, chora! Irmão e confidente
Eu serei d'essa dôr, que no teu peito estua;
A lua vae passando e não diz nada a lua,
E a terra toda dorme assim profundamente!»

Elle volveu — «talvez... que eu veja em ti '
Quem possa avaliar a garra que me opprime,
Quem — imagem de Deus — no verbo seu redime!
Pois sim — serás o irmão que o ceu me trouxe aqui.

Escuta pois, amigo: — eu nunca tinha amado,
Nunca sentira, nunca, á flôr do rôsto meu
Um rôsto de mulher, macio, avelludado,
Em cujo meigo olhar vertesse luz o ceu!
Nunca!
Jamais sonhára essa ventura immensa!
Tinha julgado o amôr uma palavra vã!
Tinha julgado o mundo uma ladeira extensa!
Tinha julgado a vida uma hybernal manhã!

Mas uma vêz — irmão — tingio-se o meu levante
Da mais risonha côr, da mais rosada auróra,
E o doido amôr, de mim, indo a corrêr, adeante,
Disse-me então... então: — Deves amar agora!
E amei! se amei meu Deus!... não imaginas quem!
Uma mulher — um anjo — o ideal suppremo!
Primeiro que sonhei e Deos sabe se o extremo!
E como — irmão — a amei, não a amará ninguem!
Disse-lhe assim, ao vel-a, arrebatado e louco:
— Consagro-te, mulher, o meu primeiro amôr!
Ella porem, tornou (oh minha eterna dôr!)
— E' pouco... é muito pouco!

N'esse instante quizera um grande cataclismo!
Que dôr egual soffresse á minha dôr o mundo!
Que me estallasse o peito e n'um abysmo fundo
Cahisse d'uma vêz o doido amôr — abysmo!
Desde então vagabundo, em noites de luar,
Pelos êrmos recordo as illusões d'um dia!»
.........................................
Callou-se... e pôz-se a olhar
A meiga lua, que a sorrir fugia!

De subito, porem, erguendo ao infinito
Tremula a dextra, o olhar, que a lagrima desáta,
Disse, apontando a lua o misero precito:
Tão nivea como a prata
Ella era assim tambem! — depois chorou... chorou!

Parece-me inda vel-o! Em sua frente estou.
Agita-se em meu peito uma tormenta enorme;
Quando d'essa mulher lhe indago o nome... e quando
Elle m'o repetiu, harmonioso e brando,
Julguei que tinha em frente um satanaz informe!

Elle tambem medio-me e recuando... e logo
No lago azul do olhar tinha listrões de fôgo!
N'um duello de morte a nossa vista em cruz
Batia-se e quebrava as laminas de luz!
Depois... depois ouvi-lhe um sinistral — *adeus!*
E tive horrôr de mim ao contemplar os ceus!

Parece-me inda vêr aquelle rôsto irado!
Parece-me inda ouvir-lhe a maldição tremenda

Pobre môço! talvez qu'inda na mesma senda
Juntes um dia ao meu, teu coração lanhado!

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1907.

*(Inédito)* MARIO DE SANTA RITA.

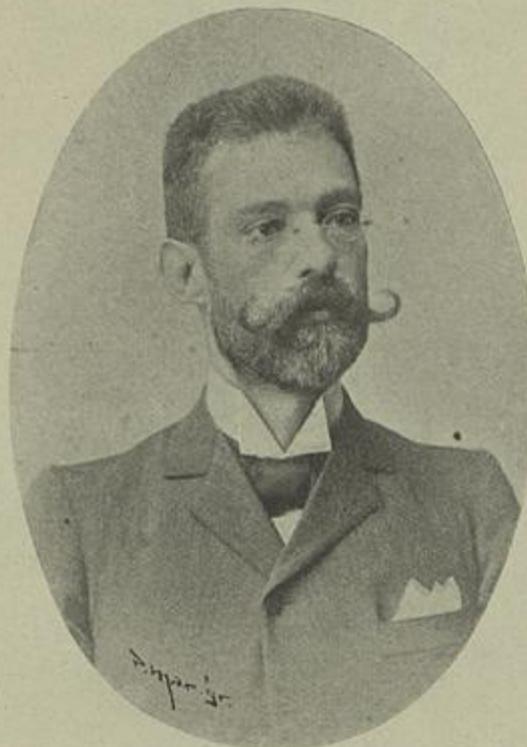
## SUPPLICIOS D'AMOR

### Chronica d'aldeia

POR

BARROS LOBO (FRANCISCO)

Recebemos já ha tempo, da livraria editora Viuva Tavares Cardoso, um elegante volume de trezentas e sessenta paginas nitidamente impressas, por mão do nosso bom amigo Alvaro Neves, diligente director technico da conceituada livraria. É mais um livro — crêmos que o terceiro — do sr. Barros Lobo, irmão do saudoso e intelligente Eduardo de Barros Lobo, mais conhecido por *Beldemonio*. Esse livro — *Supplicios d'amor* — é uma *chronica d'aldeia* viva, buliçosa, alegre e triste a um tempo. É um soberbo romance em que se destacam flagrantes figuras aldeans sympathicas, alternando com a mais antipathica figura de Commendador, orgulhoso, covarde e vil que imaginar-se possa. A destacar d'essas figuras bem delineadas, vêem-se Silvestre, um velho pae amicissimo do filho; Eugenio, excellente rapaz, caracter leal, bom coração, que namora Luiza Sampaio, que *era o que o povo* — para nos servirmos da prosa de Barros Lobo — *chama uma fada, muito linda, encantadora, um amor*. Era filha de D. Thomazia, uma boa senhora que a estremecia, e que, auxiliando-a n'essa doce manifestação d'affecto por Eugenio, consentiu que Margarida a filha do infeliz Chrispim, fosse a incumbida dos recados amorosos, ás escondidas do tio Commendador.

Com descriptivos de primeira ordem que no decorrer da leitura nos faz recordar a prosa casta e singela do primoroso auctor das *Pupillas do sr. Reitor*, tem intensos lances dramaticos frequentes, especialmente nos derradeiros capitulos do seu encantador romance. Todavia os que mais ferem a sensibilidade, sentindo-se como que um marejar de lagrimas, são os XXVIII e XXXIII. É romance impressionante que decerto agrada ás senhoras, e por isso a ellas muito principalmente recommendamos a leitura d'essa bonita *chronica d'aldeia*, de que aqui damos o trecho final do capitulo XXVIII, para que o leitor possa avaliar da nossa modesta opinião, quanto á intensidade dramatica:

FRANCISCO BARROS LOBO

.........................................

Houve, porém, um momento de muito mais intensa compunção. Foi quando appareceram Silvestre e o filho. Então foi culminante o quadro. Margarida, ora abraçada n'um, ora n'outro, a ambos pedia por tudo que lhe salvassem o pae. Servira Eugenio d'alma e coração, clamava ella: entregar-se-lhe-ía, se elle a quizesse possuir: amava-o, idolatrava-o! Nunca, se elle não fôra, o mundo a teria calumniado: nunca, se ella tanto o não estremecesse, tanto que nem um momento hesitára algum dia em ser sua escrava, a metter-se-lhe debaixo dos pés, a torturar alegremente o seu coração para o ver feliz, nunca o Commendador a viria a difamar. Amor com amor se paga. Mais lhe não pedia nem desejava. Desse-lhe elle agora em paga da sua dedicação a liberdade ao pae, salvasse-lh'o.

E Eugenio então, pállido como a morte, sentia-se conturbado até á morte. Momentos antes pensára e disséra comsigo que não havia supplicio egual ao seu; agora começava a perceber que havia supplicio maior que o seu; — o de uma mulher amar em segredo, e em segredo tragar a sorrir o veneno infernal do ciume que a devora; o de uma mulher sacrificar á felicidade da rival do seu coração, por amor d'aquelle que estremece, todo o seu mais acrysolado affecto; o de uma mulher, — triste repudiada da sorte que nem um queixume tem para não perturbar as alegrias do ente amado — dar a vida que aprecia a troco do bem d'aquelle que nem a pressente apaixonada — pobre violeta agreste que vae derramando no ambiente o perfume da sua corola minuscula...

.........................................»

Agradecendo á casa editora a gentileza da offerta, só pedimos ao illustre auctor dos *Supplicios d'amor*, o sr. Francisco de Barros Lobo, que nos releve esta despretenciosa critica que é a expressão sincera do nosso pensar ácerca da sua primorosa *chronica d'aldeia*.

XXVII-II-CMVII.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

## NECROLOGIA

### Casimiro Perier

Perdeu a França um dos seus homens politicos de mais nomeada, assim o participaram os telegramas do dia 12 do corrente, disendo que Casimiro Perier socumbira, em Paris, ás 10 horas da noite de 11, a uma angina *pectoris* de que vinha sofrendo ha alguns mêses.

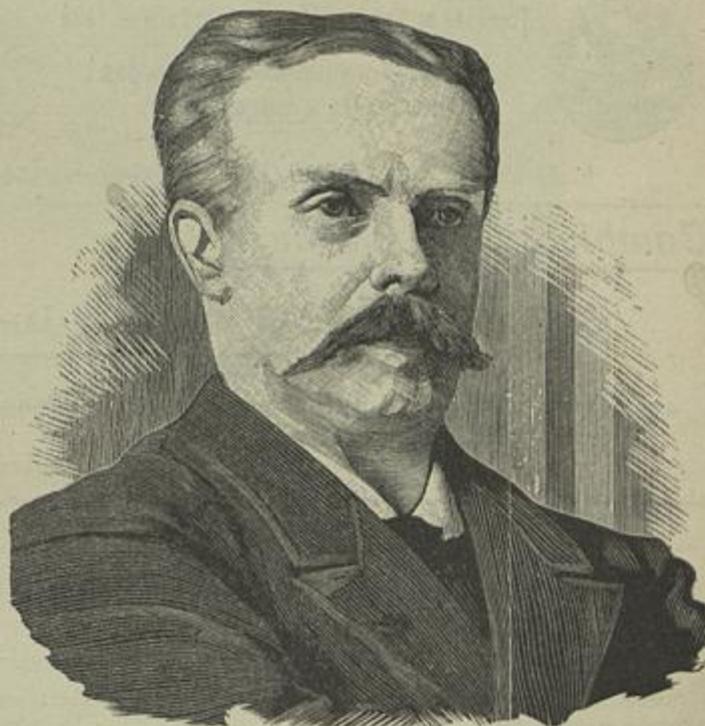
O ex-presidente da Republica de França, que havia sucedido a Carnot, quando este foi assassinado em Lyon, em a noite de 24 de junho de 1894, aceitara com certa hesitação a suprema magistratura da Republica, a que o elevara o sufragio publico, e o seu consulado foi curto, pois a 14 de janeiro de 1895 resignava o logar, não declarando oficialmente quaes as rasões que a isso o levavam na sua mensagem de demissão. Particularmente, porém, soube-se que aquella resolução fôra motivada por circunstancias particulares da sua vida, em que não deixaria de influir o seu estado de saude.

De facto a angina *pectoris* é uma ameaça de morte que não pordôa e que o menos tempo que precede o desenlace final são sete annos. Casimiro Perier principiaria então a sofrer os primeiros efeitos da terrivel doença, sentindo-se mal disposto para as lutas da politica e da governação.

Vinha de longe a sua vida politica, tradicional na familia a que pertencia, em que seus antepassados foram distintos homens de estado.

João Pedro Casimiro Perier nascen em Paris a 8 de novembro de 1847, filho de Casimiro Perier, que foi ministro do presidente Thiers, e neto do primeiro ministro de Luis Filipe, do mesmo nome delle.

Começou sua carreira politica como chefe de gabinete de seu pae, o qual se demitio, em 1874, de conselheiro geral do Aube, e propoz seu filho aos eleitores de Nogent sur Seine portegendo-lhe a eleição.

Desde essa epoca ocupou sempre com pequenas interrupções a cadeira de deputado, chegando, em 1893, a presidente da Camara substituindo Floquet, e pouco depois encarregado de formar ministerio ficando com a presidencia e a pasta dos estrangeiros. Demitido o seu governo em 1894, foi de novo elevado á presidencia da Camara, e ahi o escolheu o sufragio para presidente da Republica.

CASIMIRO PERIER

A sua vida de parlamentar foi das mais agitadas, tomando parte átiva nas grandes discussões que se levantavam na Camara.

Serviu como militar nas campanhas de 1870-1871 que deram a queda do Imperio de Napoleão III

e implataram a Republica. Nessas campanhas se distinguiu e ganhou a Legião de Honra, pelo modo por que se portou no cerco de Paris.

**José Augusto Oliveira Alvarenga**

João Chagas em uma de suas ultimas cronicas no *Primeiro de Janeiro — As minhas razões* — referindo-se a Oliveira Alvarenga, dizia: «Alvarenga tinha o ar de um homem que não repousa nunca. Em todo o longo lapso de tempo em que o conheci, só o vi repousado duas ou tres vezes, á mesa, commigo em sua casa. Fóra d'estes rarissimos vagares, raro lhe pude apertar a mão com socego, porque sempre me fugiu, se escapuliu de mim para ir ao que elle chamava — a vida.» Mais adeante acrescenta: «Pobre amigo! Valeu-te bem a pena correr! Valeu-te bem a pena ter pressa!»

Assim retratou João Chagas o fisico e o moral de Oliveira Alvarenga, e por fim filosofou sobre a triste realidade da vida.

O leitor tem deante de si o retrato fotografico de Oliveira Alvarenga e por elle póde avaliar quão verdadeiro é o retrato que João Chagas escreve.

De facto aquella fisionomia exprime bem toda a actividade do espirito que a animava. Os olhos cheios de vivacidade e ao mesmo tempo doçura, refletem a alma do homem activo e cheio de vontade de ser util na esfera de sua acção.

E assim foi Oliveira Alvarenga, uma vida de trabalho, que tão cedo se lhe extinguiu na labotação do ensino e da imprensa.

Com 41 annos apenas, colheu-o traiçoeiramente a morte, quando velava pela vida de um seu filhinho doente. Para acudir a este sahiu de noite a chamar um medico, por uma noite fria, como as que tem havido, e de ahi lhe resultou um ataque de *gripe* que mais tarde degenerou numa pneumonia infecciosa que o vitimou. Todo amor pela familia, sua preocupação constante era o bem estar dos seus, e por elles trabalhava incessante, ora nos encargos oficiaes de conservador da Biblioteca Publica do Porto, ora na Escola Elementar de Comercio, e Academica, ora na redação do *Primeiro de Janeiro* de que fazia parte.

Principiou sua vida de jornalista no antigo *Jornal do Porto*, do qual sahiu por motivo de mudança do proprietario, entregando-se depois ao magisterio, ao serviço do qual pôz sua grande actividade e dedicação.

Ha uns quinze annos entrou para a redacção do *Primeiro de Janeiro* e ali deu largas á sua bossa de jornalista, que o era a valer, dos mais brilhantes e distintos.

A sua morte, ocorrida em 10 do corrente, é uma grande perda para a imprensa portuguêsa, porque Oliveira Alvarenga reunindo a sua natural inteligencia grande copia de conhecimentos adquiridos pelo estudo, tratava com rara competencia todos os assuntos que diariamente vem ás columnas do jornal, cativando-o especialmente a critica de arte, de que era um entusiasta.

Claro e facil na exposição de suas ideias, era assim o jornalista e o professor, de que dão bom testemunho seus discipulos.

Oliveira Alvarenga deixa viuva a sr.ª D. Guilhermina Alvarenga e dois filhos orphãos, o mais velho de 13 annos João Paulo e o mais novo de 4 annos apenas.

A sua familia e aos nossos estimaveis colegas do *Primeiro de Janeiro* enviamos nossas condolencias.

OLIVEIRA ALVARENGA
*(Fotografia Guedes)*